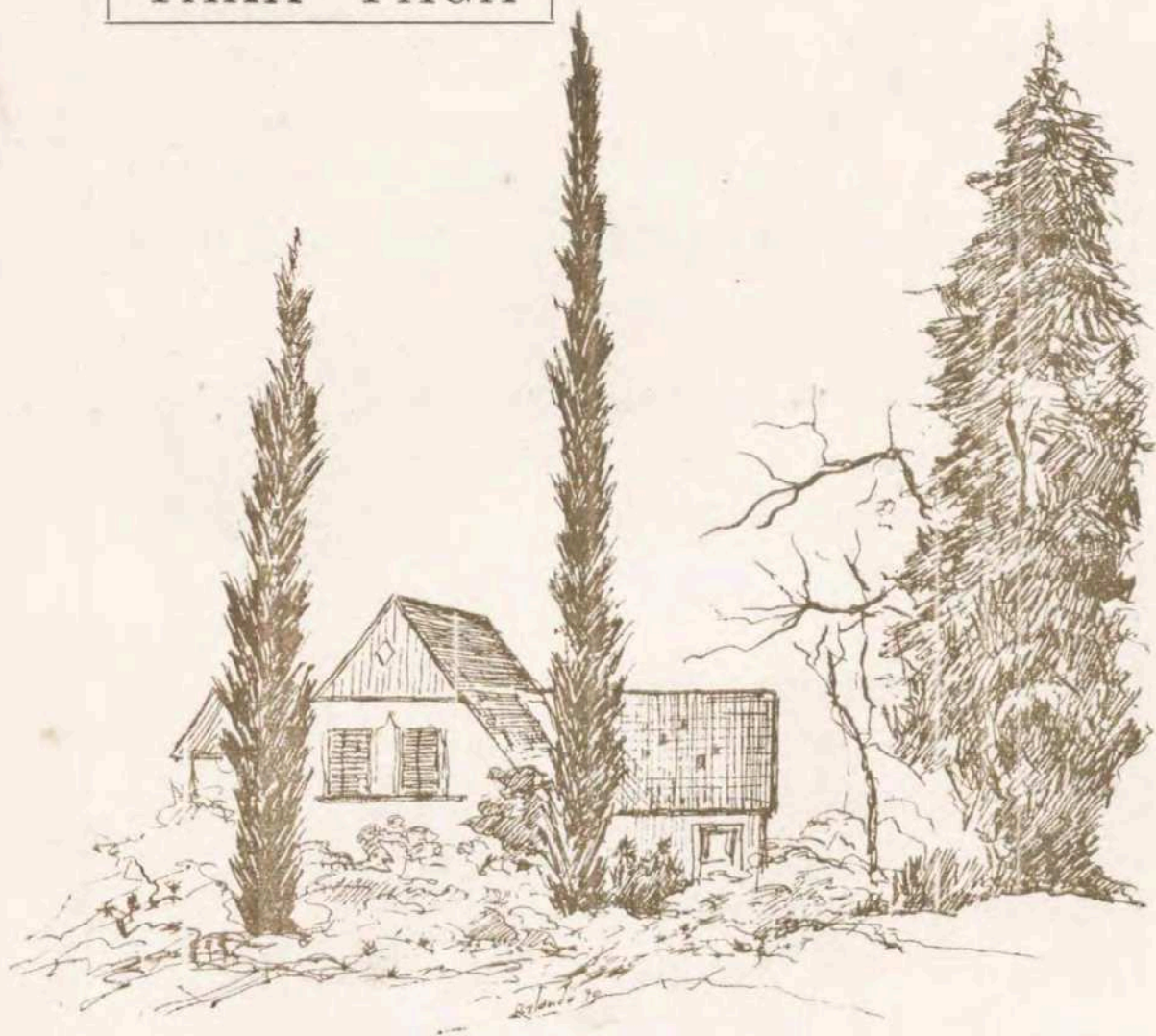


TAXA PAGA



Blumenau

em cadernos

TOMO XII ★ DEZEMBRO DE 1971 ★ Nº. 12

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças
à Generosa contribuição dos seguintes
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústrias Têxteis Companhia Hering S/A.

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Banco Brasileiro de Descontos S/A.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zdrozny

Felix Hauer - Curitiba

Blumenau *em Cadernos*

TOMO XII

Dezembro 1971

Nº. 12

Mais Um Ano

Com êste número, «Blumenau em Cadernos» entra no seu XIII Tomo, correspondente ao 13º anos de publicidade.

Desde a sua fundação, em 1957, até agora, «Blumenau em Cadernos» publicou 144 fascículos mensais, com um total de mais de 2.488 páginas.

Esses números dizem melhor que laudas inteiras que pudéssemos escrever sôbre os méritos desta publicação e os serviços que ela presta à coletividade.

O esforço com que temos enfrentado as mil e uma dificuldades, deparadas na nossa trajetória, foi grande, não resta dúvida. Mas foi extraordinária, também, a ajuda que temos recebido dos nossos benfeitores, assinantes e leitores em geral. E é a ela, a essa ajuda das principais firmas desta cidade, da Prefeitura e Câmara Municipais, de alguns abnegados amigos que, desinteressadamente, nos têm socorrido em momentos de dificuldades financeiras, que devemos o sucesso desta publicação.

E, ao começarmos a marcha para nova etapa, para novos sacrifícios e novas vitórias, cumprimos o dever de agradecer, de todo o coração, a quanto nos auxiliaram até aqui. Mantemos o nosso quadro de cooperadores na contra-capas de cada número. A eles e a todos os nossos assinantes, colaboradores e amigos o nosso muito obrigado! E a todos, também

BOAS FESTAS e um feliz e próspero ANO NOVO.

Tipos Inesquecíveis

Por GUSTAVO KONDER

Havia em Itajaí, na década de 20, várias criaturas das quais jamais me esquecerei. Entre elas, uma mulher, ainda jovem, de nome Judite, que, tendo perdido o seu espôso, num naufrágio, havia enlouquecido com o rude golpe. Na sua mente doentia simplesmente não aceitava, como verdadeira, a terrível tragédia. Viviam na ilusão de ver, qualquer dia, voltar o seu amado espôso e, cada vez que um vapor apitava, na entrada da barra, ela enfeitava-se e ia esperá-lo no trapiche da antiga Companhia Malburg. Isto durante muitos anos.

Vestia-se espalhafatosamente com uma comprida saia de seda preta bordada e calçava sandálias. O seu cabelo longo e negro caía desgrenhadamente sobre os ombros. Pintava as faces de rouge, os lábios de baton e envolvia o pescoço com colares multicoloridos. Trazia os dedos cheios de anéis reluzentes e várias pulseiras douradas das quais pendiam longas fitas de seda de muitas cores. Assim ataviada, ela ia esperar o atracamento do vapor. Acenava amistosamente para a ponte de comando, aos oficiais ou ao próprio comandante, para saber se o seu espôso se achava entre eles. Depois de ouvir a negativa, voltava-se tristemente e desiludida para reaparecer no cais na chegada do próximo navio.

Tôdas as guarnições dos va-

pores a conheciam e chamavam-na de «Judite, a louca».

Morava numa bela casa, tipo colonial, cercada por um exuberante jardim e, no centro, erguia-se uma estátua branca de «Céres» - a deusa das searas.

Nada sei a respeito dos seus familiares e, com a minha mudança para o Rio, perdi-a de vista. Hoje a bela vivenda ainda existe. Fica perto da Agência do Lloyd Brasileiro. A estátua de Céres foi levada para o Rio, pois o atual dono, um rico madeireiro, mora na Cidade Maravilhosa.

Passando á outra história, também sôbre uma mulher, porém normal e de saúde perfeita.

Chamava-se Ana Rocha ou melhor «Da. Aninha de Cabeçadas» como era conhecida pelo povo. Era casada com um pescador da aludida praia, onde possuíam uma casa de madeira, em cima de um aglomerado de rochedos, à margem da estrada que demanda o farol. Atualmente, a velha casa desapareceu, para dar lugar ao magestoso edifício do Iate Clube de Cabeçadas.

Da. Aninha era uma cabocla miúda e bastante tagarela. Era órfã e foi adotada pela família do velho alemão, o saudoso Sr. Guilherme Müller, dono de respeitáveis suíças, e que era arquiteto-construtor em Itajaí. Falava corretamente a língua alemã e, quan-

do eu vim ao mundo, a minha mãe, estando muito adoentada, contratou-a para servir-me de ama de leite, por algum tempo.

Residindo ainda em Itajai, á rua Brusque, sempre aparecia em minha casa, trazendo-me pequenos agrados, tais como camarões, siris ou um peixe. As vezes trazia uvas colhidas das sua enorme parreira, pois dizia-se minha segunda mãe. Sabia de todos os mexericos, pois conhecia todo o mundo e era muito popular entre os banhistas. A maioria, não possuindo casa de veraneio, ia trocar de roupa na casa da Aninha e muitos blumenauenses devem lembrar-se dela.

Teve muitos filhos e segundo ela me disse, certa vez, uns 20 filhos, mas creio que foi brincadeira. Um deles foi, durante muito tempo, garçon no Hotel Cabeçudas, de propriedade do Sr. José Zwoelfer.

Gostava da sua presença pois era engraçada e gostava de contar certos episódios pitorescos, passados na praia, durante a segunda guerra mundial.

Depois de receber os meus agrados e de tomar um bom café e, tendo-se esgotado o seu repertório de anedotas e mexericos, despedia-se, não antes de ter "filado" os meus cigarros, fato que muito me divertia.

Da. Aninha era uma mulher corajosa e, mais de uma vez, levou, ela própria, remando uma baleeira, o práctico para os navios que aguardavam a entrada na barra. Muitas vezes, tarde da noite, debaixo de temporal e de um

mar bravio. Foi uma mulher destemida!

Faleceu bastante idosa, porém em perfeita lucidez de espirito. Sua morte foi muito sentida. Paz á sua alma!

Para finalizar esta crônica, contarei mais um caso memorável ocorrido na época dos nossos primeiros veraneios na poética praia da Armação.

Morava na grande casa de madeira, pintada de preto e pertencente á familia Müller (Lauro e Eugenio), distante mais ou menos 500 metros da nossa, um homenzarrão, barbudo e barrigudo, apelidado de "Chico Leite" (não declino o seu verdadeiro nome). Tomava conta da aludida casa e era um grande cabo eleitoral da zona praieira. Possuia, em seu sangue a "verve" de poeta, mas nunca revelou os versos a ninguém, porque não os achava perfeitos, segundo nos disse o meu saudoso pai e seu grande amigo. Tinha também uma imaginação fértil, pois inventava histórias fantásticas. O meu irmão mais velho, Alexandre, transcreveu mais tarde, em um dos jornais de São Paulo, uma das suas fantasias, intitulada: "Um tesouro enterrado nas areias da praia da Armação".

Era gaúcho e, talvez por questões de familia, radicou-se definitivamente na praia aonde permaneceu até a sua morte e onde viveu solitário e esquecido. Isto ocorreu em 1916. Quando ia a Itajai, por motivos políticos, hospedava-se sempre na casa dos meus pais. Usava invariavelmente uma grande pena de galinha atrás da orelha que lhe servia para em-

barafustar o ouvido, era o seu único vício, já que não bebia e nem fumava.

Certo dia, numa bela e radiosa manhã, a minha avó Luiza foi passear na praia e descobriu que o famoso barbudo, com a saliência de sua enorme barriga, estava de pé, diante do mar tomando banho de sol, completamente pelado. Terrivelmente chocada e indignada, minha avó voltou correndo para queixar-se ao vovô Xandóca que, naquela hora estava cortando capim para os seus queridos cavalos. Este, depois de matutar alguns momentos, respon-

deu-lhe calmamente: -“Ora!-A natureza é livre! É melhor você não olhar mais para lá...”. A vovó Luiza, desapontada com a resposta, retrucou-lhe revoltada:- “Você também não passa de um grande sem-vergonha!”. E ele, sem ligar a sua ira, respondeu cinicamente:- “Pelo contrário” e soltou uma boa gargalhada.

Isto aconteceu quando eu ainda era criança. Presenciei a “briguinha” dos avós, por causa da pelugem e do despudor do exótico homenzarão e que jamais esquecerei.



Sobre o Distrito de Paz da Colônia Blumenau, o Relatório do Presidente João José Coutinho, de 23 de setembro de 1859, informa o seguinte: «No distrito de Paz da Colônia Blumenau, criado este ano por ato da Presidência, não está em exercício o Juiz de Paz, cuja eleição não mandei proceder porque a quase totalidade dos cidadãos naturalizados depois da qualificação deste ano não podia tomar parte nela, e pequeno era o número de qualificados (talvez não exceda a 20) para poder-se fazer uma boa escolha e escolha que pudesse aproveitar aos colonos. Pretendia remeter em dezembro ao Juiz de Paz de Itajaí a lista dos naturalizados, para que a Junta pudesse qualificar votantes aqueles, que pelas mais circunstâncias estivessem no caso de o serem, e marcar depois o dia para a eleição. V. Excia. resolverá a respeito o que melhor entender».



O dr. Rafael Pires Pardino, Ouvidor da Ouvidoria de São Paulo esteve, em 1720, em correição nas vilas de São Francisco e Laguna quando declarou que esta era a última povoação no sul do território do Brasil.

CUCUNDÉLVÊ - UÃN

EDUARDO HOERHAN

(DA "A NAÇÃO", BLUMENAU)

Tudo passa. . .

1938 também entrou, definitivamente, para o ról das coisas «passadas».

Conquanto em o rápido decorrer dessas doze luas absolutamente nenhuma melhora se verificasse em o crônico e lamentabilíssimo estado de penúria e de desamparo em que, há longo tempo, se debate o Pôsto Indígena "Duque de Caxias", não deixam, contudo, suas efemérides de registrar algo de interessante, de notável e de excepcional.

Os índios Botocudos do Estado de Santa Catarina, pacificados a 22 de setembro de 1914, nas margens do plácido Rio Plate, afluente do Itajaí-Hercílio, situado no interland do recém criado município de Harmonia, e vivendo aldeados em o supra citado estabelecimento federal, só em meados de 1938, tiveram o espetaculoso ensejo de ver - de admirar convenientemente - a moderníssima, temível e - para êles - super esquipática «5a. Arma».

No dia 6 de maio, precisamente às 14 horas, pela vez primeira, no Pôsto Indígena "Duque de Caxias", ouviu-se o fragoroso funcionar de potentíssimos motores e, logo em seguida, com insólito estardalhaço, à pequena distância, em lindo vôo planado, um magestoso avião.

Todo de alumínio, refulgia lindamente ao sol !

Solene, estrugindo nos ares, transformado em varinha de condão Século XX, o grande «passaro de aço» conferiu o toque mágico de acordar.

Êsses moderníssimo dardo da civilização, fê-la milagrosamente, como que despertar para a tumultosa intensidade da vida hodierna, arrancando-a, bruscamente, violentamente, da sua obtusidade vegetal, da madorra letárgica em que jazia desde todo o sempre. E galharda, cabralinamente, por ares nunca dantes navegados, por sôbre branca, imensa e luxuriante mataria hirsuta, a prodigiosa maravilha do gênio humano, cruzou o céu primévo. . .

O céu botocado . . .

O azul e brasileiríssimo céu, sob o qual, adâmico, de beijo

furado, ainda hoje, vive o homem primitivo, na inconcebível singelez da idade lítica !

Espetáculo belíssimo. Único. Deveras empolgante !

Todos os índios que se achavam no Pôsto ficaram boquiabertos, maravilhados, verdadeiramente estupefatos!

Tempora mutuntur . . .

Só mesmo assim, - transcorridos nada menos de quatrocentos e vinte e oito anos - aqui poderíamos ter tido a felicíssima oportunidade de rever em cada cara de selvagem, aquela mesma e indefinível expressão, mixto de assombramento, de fascínio e de supersticioso pavôr, com que, em 1510, na Baía, os famigerados TUPINAMBÁS, acolheram o primeiro, o legendário, o formidando e absolutamente imorredouro trabucação português.

Formidável e fedorentíssimo ribombo êsse que aterrorizou a uma tribo inteira e immortalizou para todo o sempre, DIOGO ALVARES CORREIA, ou o "Caramurú".

Diga-se de passagem, que jamais se viu ou verá, "a tanto ajudar o engenho e a arte".

A antropofagia é inveterada entre êstes bárbaros.

Visa Diogo, seus inimigos.

A temível horda está prestes a dar às de Vila-Diogo.

Ê a bonança. Agradabilíssima sensação, percorre e perpassa tôda a mísera carcassa do derredeiro naufrágo.

O titan branco respira profundamente, desafogadamente.

Sente-se a son aise . . .

Verdadeira maré-de-rosas!

Cria ânimo.

Chega a pensar . . .

Urge vingar o canibalismo perpetrado contra seus indefesos companheiros.

Unha por unha, dente por dente!

Num santiâmen, resolve tirar de imediato partido dessa situa-

ção promissora.

Como todo guerreiro, porém, êle, possui a fraqueza do forte... é vaidosa!

Afoito, cobiça a imortalidade.

Não há, na terra, Academia de Letras.

Presimivelmente por isso, sente o marujo, desmesurado, irreprimível desejo de perpetuar-se no opulento bronze nativo.

Não perde tempo.

Vôa o luso nas azas da procéla...

A quem a fortuna ajuda, o vento lhe apanha a linha...

Obtém o pronto assentimento do clan apavorado, e com a ingênua e tácita colaboração da fermosa pucéla Paraguassú, incontinentemente, Diogo Alvares Correia, entrega-se de corpo e alma ao árduo trabalho de insculpir em bronze a sua epopéia - a primeira e brilhante página da enorme História do Amoralismo no Brasil...

Ommia praeclara rara!

Por isso, justum et tenacem propositi virum, - em lindo bronze de Eduardo Sá - qual Jupiter Tonans, hercúleo, impávido, de bacamarte em punho, ad perpetuam rei memoriam, lá está êle, no pedestal da estátua do marechal de ferro, no Rio de Janeiro.

— x — x —

É bem notória a inteligência, a perspicácia, a agudeza de espírito que, quase sempre, os aborígenes manifestam em suas denominações e classificações em geral.

Entusiasmara-nos sobremaneira o retumbante triunfo aqui alcançado pelos nossos irmãos de pelo... - pelos "zugn" (brancos). Aproveitando a presença auspiciosa, arquiimpressionante e todo poderosa do avião, calculadamente, com o duplo intento de cavarmos mais um prestigiozinho, e de incutirmos, no espírito dos índios, a bem merecida admiração e simpatia, profunda veneração, não só pelo enorme "pássaro" como, também, pelos seus genias criadores, - na lingua dêles - denominamo-lo "Yungùgn-mbângma".

Ultra-sugestivo, êsse nome, pareceu-nos, para o caso, um verdadeiro achado! É com êle, que, nas lendas botocudas, sempre, aparece a enigmática, a misteriosa féra alada, o cruel, gigantesco e temidíssimo CONDOR. A designação era, positivamente, ótima, magnífica, estupenda, mesmo! Preocupava-nos, por isso, a imposição, a generalização imediata, do nome excélsio, Yungùgn-mbângma, - o "verdadeiro achado" - tinha

de pegar, tinha que ficar indelevelmente gravado naqueles cérebros primitivos.

Para o completo, integral conseguimento dêste elevado desiderato, armamo-nos - é claro ! - dos indefectíveis (e impressionantes) ares professorais...

À feição botocuda, usamos e abusamos do nominativo, empregando-o exhaustiva, paulificamente, ad nauseam usque.

Mais tarde, porém, com profundo pesar, notamos, que a linda, excelente denominação... - descolára... Isto é... - não "colou".

Com que, então, perderamos assim - sem mais nem menos - inútilmente, todo o nosso insistente trabalho de catequização, todo o nosso precioso... "latim"?

Não nos podendo conformar com a idéia tão triste, tão pungente, propuzemo-nos perscrutar se era ou não positivo o incrível fracasso. Com êste intuito, demo-nos, então, aos cuidados de, atentamente, escutar os comentários que, em seus ranchos, acerca da belíssima aëronave, os botocudos entre si, faziam.

Ficamos desapontadíssimos !

Verificamos que, de fato, nosso truculento... "Yungugn-mbãngma"... fôra vitimado pelo ... "raio da morte".

Com ambas, "as duas" azas partidas, noiseless, viera a baixo, caíra, fulminado!

Fora magistralmente suplantado pela auto-denominação, sob todo e qualquer ponto de vista MUITO MAIS RACIONAL E ACERTADA - de «CUCUNDÉLVÊ UÂN» que significa, «aquê (ou aquilo) que é parecido, similar, igual à "LIBÉLULA".

Tomamos, irremissivelmente, na cabeça...

Com tão tremendo tapacaço, tínhamos de dar com o côco em terra. Desta vez - não pode haver dúvida alguma - de maneira positiva e absolutamente irrefragável, "a Europa curvou-se ante o Brasil". Teve, enexoravelmente, de curvar-se, em consequência do êrro consuetudinário e circunstancial de, em tais casos, raciocinarmos, infalivelmente, pelos seus canones, tidos como "inteligentes", "elevados", "hiper-civilizados", "cultíssimos", "científicos", etc. Dizemos, ainda, á Europa, porque a mentalidade dominante era inquestionavelmente, européia, "superior" e "evoluida" saturada de "zugnismo" ou seja, das complicadíssimas complicações da imaginação irrequieta, superativa, - perdulária, dos "sapiéntissimos"... ocidentais.

Não só para os leigos, mas principalmente para os iniciados,

para os eruditos, a lição é exemplar e magistral.

Patenteia a rebeldia, o insopitável despotismo (talvez se pudesse, se malícia, mas, com vantagem, dizer a "pujante feminilidade...") de nossa cerebração privilegiada, que - mesmo depois de sujeita durante quase trinta anos, à patinaz, constante e ininterrupta bugrificação - ainda assim mesmo, sempre e sempre reincide e teima, tentando impôr, às coisas indígenas, a sua feição e mentalidade.

Felizmente, neste caso, mais uma vez, tínhamos presentes, em pessoa, os índios. De forma que o inefável "Magister dixit" - com impassibilidade e frieza irmãzinhas das ditas britânicas - foi impiedosa, definitivamente rechassado e banido.

Devemos nos recordar, porém, dos conspícuos estudos que se realizam no calmo e benfazejo ambiente das velhas instituições do saber...

Magníficos estudos êsses, que não são o produto direto e exclusivo das pesquisas de gabinete, realizados à sombra doce, amiga e protetora da grande árvore da ciência e à custa de acurada, meticulosa perlustração, constante manuseio e cotejo de velhos alfarabios e de trabalhos recentíssimos, uns como outros, fixando «fatos» quase sempre inverídicos ou adulteradíssimos, porque vistos através do prisma fatal da nossa mentalidade que não é a do povo de origem.

Cumprê lembrar ainda o fato de ficar excluída, por completo, a única possibilidade de salvação, á desassomburada intervenção e manifestação como no caso acima, de quem de direito, revelando a alma, todo o sentir, a capacidade de observação, a acuidade do raciocínio sem méscia, genuíno e verdadeiro do aborigene.

Assim é que destes partos laboriosíssimos, surgem, depois, as mais lindas, as mais diversas e last, but not least! - as mais antagônicas "explicações" para todo e qualquer caso, fato, feito frase ou termo indígena, dando, quase, as respectivas "mater dolorosas", verdadeiros "letrões"... às avessas!

Deixemos na mais absoluta e santa paz o velho, fero e forçoso Caramurú, que como hoje todos sabem, não é nenhum "Deus do Fogo", "Dragão saído do Mar", "Senhor do Raio", ou digno "Filho da Chuva ou do trovão", mas, muichã, modesta e apenasmente, enguia, congro, ou morêia, podendo nós, catarinenses, com precisão, chama-lo de "jundiá cobra".

Ocorre-nos dizer ainda, que, segundo nosso apoucado modo de ver tôdas as esplêndidas interpretações e eruditas explanações até hoje feitas em tôrno do vocábulo ITAJAÍ, nenhuma só se aproxima da sua verdadeira significação.

Foi diante de fato análogo, que, justamente indignado, certo letrado exclamou: - "Que lingua extraordinária, O guarani, encerrando

tantas coisas e tão diversas, num só vacábulo que ninguém entende”!

O pesquisador devia ter generalizado. Em troca de “guarani” devia ter dito “as linguas indígenas”. Mas, na verdade, não são propriamente as - linguas indígenas que merecem ser qualificadas de “extraordinárias”. Positivamente extra-ordinária, - porque chama de fato a atenção por estar fora da regra ordinária ou da ordem normal das coisas ou dos fenômenos, ou porque excede ou está abaixo da medida comum - é a nossa maneira inepta, megalomânica, e superfantasiada de querer sempre e a todo o transe vêr, descobrir e - o que ainda é pior - adivinhar coisas que, absolutamente, nem por sombra, existem.

Se, conjuntamente com o freio da concenciosidade, nos faltam os conhecimentos reais e profundos, não só das linguas, mas, das faculdades intelectivas, da cerebração e da psique gentílica, sobram-nos sempre, os surtos da fantasia e a insolência bastante para impormos, impunemente, nossas idéias preconcebidas e extravagantes. Em se tratando de assuntos indígenas, esse é o grande, o irreparável mal.

(Nota da Redação: Este artigo foi publicado na “A Cidade de Blumenau”, nº 71, de 25 de fevereiro de 1939. Como se trata de interessante interpretação de vocábulo indígena, resolvemos, data vênua, reproduzi-lo nesta edição. O artigo vem assinado com o pseudônimo de Katanghara.)



Não é de hoje que Santa Catarina tem fama de Estado ordeiro, com uma população respeitadora das autoridades e da lei. Em 1849, ao entregar à presidência da Província ao Dr. Severo Amorim do Vale, seu terceiro vice-presidente, o Dr. Antônio Pereira Pinto assim se expressava em seu Relatório: “Tratando do assunto da tranquilidade pública, devo dar os parabéns a V. Excia. por lhe ter ainda tocado em partilha a gestão das coisas públicas de uma Província, devidamente apontada pelo seu amor proverbial à ordem, pelas suas tendências cordatas e pela sua constante dedicação à causa da Monarquia. Recordarei a V. Excia. em abono do que acabo de expender, que nesta província jamais tiveram guarida as idéias de subversão; quando infelizmente em outras partes do Império homens mal intencionados, hasteavam o pendão da revolta, a Província de Santa Catarina, sempre mantenedora das instituições juradas, alistava-se na cruzada daquelas que a iam debelar, e quando em uma época de luto e desolação, os reprovados princípios e as cohortes liberticidas, que por tanto tempo talaram as férteis campinas da Província limitrofe, pretenderam invadir o território, e transviar as crenças daquela, que V. Excia. vai ter a fortuna de governar, todos sabem a maneira patriótica, e o entusiasmo com que foram repelidas semelhantes doutrinas e os homens que as tentaram plantar neste solo, a despeito dos minguados recursos de que então a província podia dispôr.

BLUMENAU E A SUA IMPRENSA

CVII

“PANORAMA ESPORTIVO”

Mais uma tentativa de implantação de um órgão exclusivamente dedicado aos esportes foi feita por Clóvis Rocha e Ciro Hugen com a publicação, a partir de 17 de setembro de 1965, do “panorama Esportivo” Tamanho 28 x 37cm, 6 páginas, Impresso na Tipografia de “A Nação”. A iniciativa não passou desse primeiro e único número.

CVIII

“INFORMATIVO FERROVIÁRIO”

Com um boletim mensal, mimeografado em papel jornal, formato almanaque, geralmente com 4 páginas, funcionários da Estrada de Ferro Santa Catarina procuraram suprir a falta de um órgão de imprensa destinado a mantê-los a par dos atos da Diretoria e dos acontecimentos funcionais e sociais de seu interesse. O primeiro número apareceu em 31 de janeiro de 1966. Aparecia no final de cada mês, trazendo amplo noticiário sobre os atos do Superintendente da Estrada, sobre assuntos de interesse dos ferroviários, notas sociais e instruções a respeito dos seus direitos e deveres para com o Instituto a que se acham ligados. Foi editado com muita regularidade até abril de 1968. Não traz indicação dos responsáveis pela publicação.

CIX

“FLASH COMETA”

Com esse nome a Associação Esportiva Walter Schmidt, constituída por funcionários e auxiliares da grande firma Walter Schmidt, S/A. de Blumenau, começou a ser publicado em abril de 1966, um boletim mimeografado para distribuição interna. Formato almanaque, geralmente 6 páginas. A publicação de estréia tomou o nº 0. Eis como o boletim explica o seu título: “Flash” é uma ação rápida, repentina, mas, que trará no seu interior a imagem modelo para futuras criações. Assim será este boletim minúsculo, repentino, mas com todo o seu conteúdo brilhará o esforço para trazer-te uma mensagem quicá de otimismo. “Cometa” é o endereço telegráfico da tua firma que tantos benefícios concedeu a esta associação e porque Cometa é um astro raro que aparece de tempos em tempos na abóboda celeste. Queremos seja este boletim uma luz nova na tua vida”.

O presidente da associação era o Sr. Jan Rul. O Boletim foi publicado regularmente até 1967.

CX

“O BRASÃO”

Surgiu em julho do 1966. Órgão do Colégio Normal Pedro II. “Um jornal jovem para gente nova”. 24,5 x 32cm. Do editorial de apresentação: “Este jornal terá por objetivo instruir, divertir, educar. . . A nossa juventude realmente tem dentro de si um potencial de dinamismo. Basta que seja canalizado para boas iniciativas como esta, que satisfaçam sua ânsia de auto-firmação.” Seis páginas muito bem impressas e com excelente colaboração. Diretor-Presidente, prof. Joaquim Floriani; diretor-executivo, Prof. Bartolomeu Hess; redator-chefe, Dalto dos Reis; redatores; Waldir Moser, Amilton Leal, Bento Bastiani, José Luis dos Santos e José Milton da Silva. No número dois há mudança na redação do jornal, com a entrada de Celso Gauche, Emílio João Sada e Paulo G. Pfau. O terceiro número aparece em novembro, também com mudança de redatores. Desaparecem alguns nomes para dar lugar aos de Sérgio Paes de Melo e Vanderlei dos Reis. Ao contrário do que geralmente acontece com órgãos desta natureza, “O Brasão” começou a ser impresso e terminou mimeografado. Realmente o nº 1 do segundo ano, (nº 4 da ordem de edições), que foi o último da vida do jornal, apareceu em quatro páginas mimeografadas, e segundo nota na última fôlha, com uma tiragem de 3.000 exemplares. Esse número data de 20 de março de 1967. Desaparece um jornalzinho bem feito, bem escrito e que poderia ter prestado e continuar prestando assinalados serviços a alunos e professores do conceituado e maior estabelecimento de ensino no interior do Estado de S. Catarina, hoje com mais de 4.000 alunos.

CXI

“NOTICIÁRIO DO C. C. B. E. U.”

Trata-se de um periódico mimeografado e destinado á distribuição entre os associados do Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, desta cidade. Começou a ser distribuído em junho de 1966, aparecendo esporadicamente, sem data prefixada.

CXII

«NOTICIÁRIO CREMER»

A grande organização que é, hoje, a Cremer S.A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos, não poderia ficar atrás das demais grandes empresas do parque fabril Blumenauense, no tocante á criação de um órgão de imprensa destinado ao intercâmbio social entre os seus operários e entre estes e a direção da fábrica. Em dezembro de 1966, realmente, foi dado á publicidade o primeiro número do «Noticiário Cre-

mer», sob a responsabilidade de Roberto Zimmermann, secretariado por Rosemary Krepsky e um grupo de colaboradores. Formato 17 x 24cm, com 24 páginas e muitas ilustrações. Da edição de julho/agosto de 1968, em diante, Rosemary substituiu Zimmermann como responsável. "Noticiário Cremer" continua a sua já brilhante tarefa de eficiente instrumento de cordialidade e entendimento entre os chefes e os operários da grande organização. Vários são os colaboradores que emprestaram e continuam dando seus esforços à maior eficiência do "Noticiário Cremer", entre eles Rui Gärtner, Irineu Silva, J. Bugmann, Sieglolf Schmidt, Osnildo Eichestaedt, A. Probst, Dr. Francisco Salles de Oliveira, Edgar Michel e Lindalva Peixer. "Noticiário" já está no seu sexto ano de vida.

CXIII

«TERRA CATARINENSE»

Em janeiro de 1967 foi editado um almanaque com o título destas linhas. Com 160 páginas, formato 16 x 21,5cm, bem impresso, trazia matéria comum a publicação dessa natureza: calendário, contos, crônicas, anedotas, charadas, etc. Teve a dirigi-lo J. Ferreira da Silva, como redator e Guilherme von Hohendorff como gerente. Muitos clichês e desenhos ilustram o texto. No ano seguinte, 1968, foi publicada mais uma edição desse almanaque, também com farta e variada matéria literária e informações úteis. Não foi publicado nos anos seguintes.

CXIV

"NOTICIÁRIO 579"

Também em julho de 1967, aparece outra publicação mimeografada, sob o título acima, em formato almanaque, com 8 páginas e alguns desenhos. Era órgão de circulação interna das firmas Cia. Mercantil Victor Probst e Representações Comércio e Administradora Juma S/A., da praça de Blumenau. A Edição foi de 60 exemplares distribuídos entre os funcionários da grande organização e um deles à Biblioteca pública Municipal.

Como os anteriores, que vimos comentando, este "Noticiário" dedica as suas páginas às notícias de interesses dos comerciantes, auxiliares das duas firmas citadas, às notas sociais, com alguns artigos versando assuntos gerais, anedotas, críticas leves, humorismo. Eram responsáveis pela publicação Irapuan Negreiros, como redator, Arno Metzger pela supervisão, Wilson Teske pelas ilustrações e a colaboração de todos os funcionários da firma. Cessou a publicação com o número 5/6 de Novembro/Dezembro do mesmo ano do seu aparecimento.

CXV

"ÓRGÃO INFORMATIVO DO GRÊMIO PREVIDENCIÁRIO BLUMENAUENSE"

"Eis que surge o primeiro número do nosso "Informativo". Nêle

procuraremos externar as nossas idéias e levar ao conhecimento de todos as atividades do Grêmio". Estas palavras abrem a página inicial do órgão em epigrafe. O Grêmio fôra fundado em junho de 1967, congregando os funcionários da Agência local do Instituto Nacional de Previdência Social, cujo presidente, na ocasião, era o Sr. Jorge Santos. Já em julho seguinte, começou a ser publicado o "Informativo". Geralmente com 2 páginas mimeografadas, formato almanaque, aparecia mensalmente. Trazia notícias relacionadas com as atividades sociais e com os interesses dos associados. Foi publicado até abril de 1968. O número desse mês, com 6 páginas, é dedicado ao agente Oniluar F. da Rosa.

CXVI

"AGÊNCIA BLUMENAUENSE DE NOTÍCIAS"

Com esse título, começou a ser publicado um órgão de assessoria de imprensa, do departamento da **Spot TV SHOW LTDA**, sediada em Blumenau. Esse órgão, tinha por objetivo "assessorar mediante contrato específico, entidades públicas e privadas, na coleta, elaboração e distribuição de notícias de interesse geral" e "colaborar com a imprensa - jornal, rádio, TV - encaminhando notícias de interesse público, com a garantia da fonte informadora". Um programa realmente de utilidade. O primeiro número (Boletim Modelo) apareceu em dezembro de 1967, sob a responsabilidade do diretor Donato Ramos. Quatro páginas mimeografadas formato almanaque. Emitido, diariamente, era enviado aos assinantes e demais agências noticiosas do país. A criação desse Boletim Noticioso foi uma iniciativa válida, de incontestáveis vantagens mas que, infelizmente, teve vida muito curta. Desapareceu depois do nº 23, de abril de 1968. Apesar dos esforços do seu Diretor, Donato Ramos, não conseguiu este superar os muitos percalços que se apresentaram ao prosseguimento do seu trabalho.



— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 10,00 —

Caixa Postal, 425 - 89100 - BLUMENAU - Santa Catarina - Brasil

Do Meu Caderno de Recordações

OURO NO VALE DO RIO ITAJAÍ - MIRIM

AYRES GEVAERD

Segundo nos conta o jornal "Novidades" - Itajaí, edição de 2 de outubro de 1910 - remonta a 1651 a notícia da existência de ouro nas cabeceiras do rio Itajaí.

Naquele ano, nas imediações de Tayó, estava a mineirar ouro, Salvador Pires, filho de Francisco Dias Velho Monteiro, fundador da vila de Destêrro, quando recebeu notícias de que a povoação fundada por seu pai havia sido atacada por piratas e que o mesmo havia sido morto.

Com relação a ocorrências de ouro no rio Itajaí-Mirim, o mais antigo relato, que se conhece, é de 1727. O sargento-mor de Carrollana Francisco de Souza Faria, encarregado da abertura de um caminho que devia ligar Laguna a Curitiba, iniciado em fevereiro daquele ano, partindo dos Conventos e subindo a serra do mar, em carta que dirigiu ao P. Mestre Diogo Soares faz referências às ricas minas de Tayó. Em um trecho de sua carta refere-se ao nosso rio: "... pelo pé da Serra Negra corre um ribeirão que vai buscar as cabeceiras do dito morro Tayó, o qual morro é baixo, redondo e agudo com sua campina ao ao pé e tem êste feitio. Tem também sua campina da banda norte e da banda do Sul mato grosso carrasquenho, pelo

pé deste morro podem buscar ouro; quando não se queiram alongar para os matos do mar, não seja pela parte do sul, seja pela parte do nordeste que d'ahi manam as cabeceiras tôdas do Itajahy Mirim que não poderão deixar de achar ouro."

Outra noticia também publicada pelo referido jornal em 27 de fevereiro de 1910, é de extraordinária importância para pesquisadores e historiadores, porque esclarece as razões de uma denominação e permite considerações com relação à presença de ingleses na Colônia Príncipe Dom Pedro e de dois dos nossos precursores, "Vicente Só" e Francisco Sallenthien.

Conta aquêlê jornal que há uns 70 anos atrás, pelos começos de 1840, três irmãos vindos dos Estados Unidos, Roberto, Augusto e Leweson Leslie, penetraram rio acima à procura de ouro. Depois de muito pesquisar instalaram-se às margens de um ribeirão, afluente do Itajaí Mirim e o resultado, segundo declararam, tempos depois, havia sido compensador. A existência de ouro era então uma realidade e a boa nova, como não podia deixar de acontecer, aos poucos, espalhou-se. Anos depois, quando colonos foram estabelecer-se naquela região deram o nome

ao afluente de nosso rio de "Ribeirão do Ouro".

Dos três mineiros, dois voltaram para os Estados Unidos e o terceiro, Leweson, ficou em Itajai. Em 1909 faleceu em avançada idade; era abastado agricultor em Ilhota e conhecido popularmente por "seu Lessa".

As considerações que podem ser tiradas, são simples. Não restam dúvidas, em face da aventura dos três americanos, que ao regressarem, dois, aos Estados Unidos, a notícia da existência de ouro no Itajai-Mirim teve repercussão. E a vinda, em grande número de irlandêses, ingleses e norte americanos, a maioria "recolhido" em Nova York, em 1867, para Rodgers Road, na Colônia Príncipe Dom Pedro, tem coincidência. Documentos viriam comprovar os fatos e não são poucos os registros feitos.

As buscas, de Águas Claras rio Itajai Mirim acima, deviam ter sido uma constante dos nossos aventureiros. Entretanto, a decepção deve ter-se apoderado dos garimpeiros, quando a realidade se apresentou: o Itajai-Mirim não era absolutamente uma segunda Alaska, tão pouco uma Califórnia.

O ouro era de aluvião, cuja procura requer trabalho paciente. A descoberta de um filão ou jazida compensadora era uma questão de sorte, e, caprichosa como ela só, talvez tenha bafejado um reduzidíssimo número de pesquisadores.

O nosso lendário "Vicente Só", provavelmente foi outro minerador. Sua presença, segundo

as crônicas, foi o gosto pela natureza e a beleza do local em que se acha a cidade de Brusque. Entretanto, como ninguém pode viver em eterno sonho, contemplando as belezas naturais, "Vicente Só" teria sido mais um garimpeiro cuja frustração só viria no fim de seus dias.

Francisco Sallenthien foi mais agressivo. Ao contrário de "Vicente Só", tinha recursos materiais e dotado de cultura geral, o que demonstra em suas cartas. Veio da Alemanha, 1850 e, em 1854, residia em Itajai. Foi proprietário de grande extensão de terras no local da futura sede de Brusque, que em 1863 vendeu a Pedro José Werner, cuja área era de 750 braças de frente para o rio Itajai-Mirim com 3.000 braças de fundos. Foi amigo de Paul Kelliner um dos precursores no vale do Itajai-Mirim e, como êste, dono de engenho de serrar madeiras. Relata, em carta de 28 de março de 1856, a fundação de uma Sociedade para exploração de ouro cuja existência era segura, mas que requeria muito trabalho. O diretor era um Californiano que afirmava ter qualidade e quantidade iguais à da Califórnia! Expressa na carta o seu entusiasmo e a esperança de um resultado plenamente satisfatório. Não se encontram outras notícias a respeito e, considerando a venda de sua propriedade a Pedro J. Werner, a empresa fracassara.

Pedro José Werner costumava contar a seus filhos e netos as atividades de um inglês, muito seu amigo, que exportava madeiras adquiridas de serrarias existentes na região. Certo dia, ao inquiri-lo porque não comprava ma-

deiras de seu engenho, o inglês contou-lhe, confidencialmente, que sua permanência na Colônia não era propriamente êsse o comércio. Seu objetivo era o ouro, que sabia existir em grande e boa qualidade. A compra e venda de madeiras servia para encobrir suas verdadeiras intenções. Contou-lhe ainda que teve conhecimento de jazidas de ouro no Itajaí Mirim ao ler um livro em uma biblioteca em Paris. Êsse livro relatava o naufrágio de um Navio holandês ocorrido nas imediações de Itajaí. Um náufrago, autor do relato, afirmou que enquanto aguardava com seus companheiros a vinda de outro navio, subiu, de canôa, com mais dois amigos, o rio e em determinado lugar encontrara ouro.

Raros são os Relatórios das administração coloniais com anotações relacionadas a ocorrências de ouro no Itajaí-Mirim, excessão feita a documentos da Colônia Príncipe Dom Pedro.

A procura, entretanto, foi constante, ininterrupta. Nossos avós contavam "casos" de pessoas que tentaram fortuna procurando o precioso metal, aqui, em nossa região. E êle existe, não há dúvida. A começar do ribeirão do Cortume, no Grosser Fluss, até às cobeceiras do Itajaí-Mirim. A ocorrência maior sempre foi nas confluências do nosso rio com os seus tributários Cristalina, Lajeado, Gabiroba, Porto Franco, Águas Negras e Ouro.

Aventureiros apareceram, como se viu, em todos os tempos. Apesar da presença dêsses estranhos, das proximidades de Casas de Pasto, de "Vendas" e de armazéns que forneciam bebidas, não são conhecidas hostilidades que os moradores mostrassem aquêles, de brigas, tumultos ou

mortes. O ambiente sempre foi o mais tranquilo possível.

Afirmei que as pesquisas eram continuas. De 1900 a 1925 recolhi notas esparsas em alguns jornais inclusive de Brusque quando aqui apareceu o primeiro, em 1912. Meu pai que se estabeleceu com o comércio de jóias e relógios em 1910, desde o início comprou ouro ou trocava com mercadorias e não raras vezes a transação variava de 50 a 100 gramas. Na minha firma, sucessora de meu pai, esse comércio continua ainda hoje, porém raramente, com pessoas que trazem o ouro em pequenos vidros, variando entre 5 a 15 gramas.

Bom volume de pesquisas registrado e com resultados mais ou menos compensadores aconteceu entre os anos 1932 a 1936. Depois, por volta de 1939 a 1945 pequenos grupos se organizaram, além de garimpeiros isolados, verificando-se assim intensas buscas, fazendo com que desaparecesse a monotonia do cotidiano nas sedes de Porto Franco (Hoje Botuverá) e Ribeirão do Ouro.

Trexos considerados auríferos foram devassados através de escavações nas margens e costões do rio e túneis foram feitos com maíos e menor profundidade.

Naqueles anos, o Banco do Brasil comprava o ouro por intermédio de correspondentes devidamente autorizados. Estes reuniam o ouro que era fundido para formar barras de 200 a 500 gramas.

Verdadeira febre apoderouse de muitas pessoas e famílias residentes nas proximidades do garimpo, muitas das quais, inteiras, crianças, mulheres e homens abandonavam suas atividades domésticas e se dedicavam a procurar ouro.

O processo de pesquisa era

o mais rudimentar e sòmento dois ou três grupos possuíam ferramentas apropriadas, inclusive, um deles, escafandro. O material, barro e areia era colhido nas margens do rio, nos costões e no próprio leito. Enquanto uns coletavam esse material para ser pesquisado, juntando-o em determinado lugar, previamente preparado, outros faziam a lavação que consistia no seguinte: Uma taboa grossa de aproximadamente 1 metro de comprimento com 40 a 50 centímetros de largura com fendas talhadas em horizontal, igual à taboa de lavar roupa, era colocada no fim de um pequeno canal feito na praia.

O material era devidamente lavado e no fundo dos sulcos talhados firmavam-se as pepitas. Os escafandristas recolhiam material nos lugares mais difíceis e inacessíveis pela profundidade do rio.

O processo, entretanto, era doentio pois a maioria das pessoas não dispunha de proteção necessária. A malária também se manifestou, verificando-se inclusive mortes, por falta de tratamento médico adequado, principalmente no Ribeirão do Ouro. Retraíram-se os garimpeiros pois muito poucos tinham condições de enfrentar a moléstia, havendo inclusive dispersão total das pessoas vindas de fóra.

O abandono das lides auríferas processou-se lentamente. Felizmente, para aquela região, como também para todo o mu-

nicípio, por volta de 1946 e com maior incremento em 1949, a plantação de funo, coordenada inteligentemente pela Cia. de Cigarros Souza Cruz, trouxe novas e boas perspectivas econômicas. Realidade que em nossos dias é confirmada pelas grandes plantações que se estendem pelo Vale do Itajai-Mirim, mormente em Águas Negras, Botuverá e Ribeirão do Ouro.

O ouro, cuja procura deixou vestígios e lembranças, às vezes bem amargas a muitos moradores daqueles lugares, só voltará a «sacudir» o Vale quando, um belo dia, alguém achar um veio mais ou menos rico, o bastante para despertar o que deve se achar latente em todo garimpeiro, profissional ou amador, riqueza fácil e duradoura.

Entretanto, em nossos dias, a verdadeira «corrida», situa-se sob outro aspecto, mais fecundo, mais constante e progressista: o aproveitamento das riquíssimas jazidas de calcário, da presença de trugistênio, vanádio, chumbo e prata, cujas pesquisas há já alguns anos vêm se incentivando por técnicos especializados e com resultados realmente promissores.

A CIMENVALLE S. A., indústria de cimento, empresa recém-fundada é uma esperança, em vespuras de plena concretização.

Esta e outras empresas que certamente virão, influirão de forma definitiva na grandeza econômica de todo Vale do Itajai-Mirim.

— INDICE DO XII TOMO —

	Pág.
Apresentação	1
Caçadas aos indígenas - J. Ferreira da Silva	2
Dr. Blumenau e a Imigração Alemã	4
Agências telegráficas em S. Catarina (1879)	9
Ofício dirigido pelo Diretor da Colônia Brusque	10

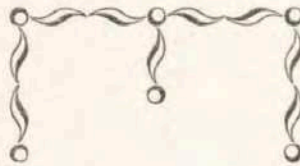
Exposição Internacional de Paris (1867)	11
Blumenau e a sua Imprensa	12, 35, 57, 76, 89, 151, 167, 197 e 243
Linha telegráfica S. Francisco - Itajaí (1866)	14
ESTANTE dos Cadernos - "Ogê Mannebach", "Síntese da problemática cultural catarinense", "A Neve foi testemunha", "Signo", n.º 2	15
Medalha de Ouro (1867)	18
Manoel Catarina, o inesquecível - Gustavo Konder	19
Um Trecho da Minha Infância - Gustavo Konder	21
O Jôgo em Itajaí	24
Escravos em Santa Catarina (1878)	24
Algo sôbre Curitibanos - Dinarte Brasil	25
Ainda sôbre os Indígenas - J. Ferreira da Silva	26
Sesquicentenário de Von Gilsa	28
Agências do Correio em Santa Catarina (1860)	29
Da casa paterna para a escola - Fernando Muller	30
Comissões de engenheiros (1879)	32
Um caso julgado	33
Navio Argentino «Nueve de Julio»	34
Última viagem do «Brusque» - Celso Liberato	39
Um escritor Alemão em Santa Catarina - Frederico Gerstacker	41
Estação Telegráfica de Destêrro	51
Agência do Correio de Lages	51
Pequena História do Balneário de Camboriú	52
Vigário de Gaspar	53
Aclimação de Plantas na Colônia	54
Paquete «São Lourenço»	55
Sôbre primeiras exposições nacionais	55
«Itajaí, de ontem e de hoje» - Afonso Luiz da Silva	56
O poeta que morreu no Destêrro - Altino Flores	61
Lei 2030 de 1871	63
Linhas postais em S. Catarina (1863)	63
Armas de Acurra - Edison Muller	64
Resistência da Câmara de Blumenau	70
Terrenos do Gaspar Grande e Pequeno	70
Tia Mentina - Gustavo Konder	71
Caldas de Cubatão	72
Subsídios para a história de Itajaí - Silveira Júnior	73
Paróquia de Itajaí	79
Rompimento do Tenente Machado	79
Selos do Brasil há 100 anos	80
A Estrada de Tropas — Antônio Pichetti	81
Blumenau. Impressões de um pesquisador norte-americano Richard Dalbey	83
Forte "Marechal Luz"	86
Capela de Armação de Itapocoroia	86
Uma viagem há 105 anos atrás — Inácio Galvão	87
Estrada de Ferro Pedro I	88
Dissertação sôbre pardais e corruiras — Gustavo Konder	91
Guarda Nacional	93
Uma honrosa opinião — Prof. Enéis M. de Barros	94
Minação no Baú	95
A primeira embarcação a vapor	96
Sociedades de Canto — J. Ferreira da Silva	97

Do meu Caderno de Recordações — Ayres Gevaerd	99
Ainda a fundação de Itajaí — J. Ferreira da Silva	101
Capitania de S. Amaro	103
Govérno de S. Catarina	103
Nossa Casa em Blumenau — Cristina Blumenau	104
Agricultura em S. Catarina, 1824	107
Balneário de Cabeçadas - Gustavo Konder	108
Brüggemann e os panoramas do Destêrro - Osvaldo R. Cabral	110
Santa Catarina em 1713	117
A Costa Catarinense tem tantos portos - Barros Ferreira	118
Os alemães no Sul do Brasil - Richard O. Dalbey	123
O primeiro presidente de S. Catarina	130
O nascimento da cidade de Itajaí - Gustavo Konder	131
Tecidos de algodão	133
Carijós e Tapuiás	133
Sôbre o Livro de Gustavo Neves - Menezes Filho	134
Catarinense descende dos carijós	135
Estrada do Litoral Catarinense	135
Indaial, seu povo e sua história - Oscar Jennichen	136
Uma bellissima tela franciscana - Arnaldo S. Thiago	138
Visita de um naturalista francês - Gustavo Konder	140
Propostas do Dr. Blumenau do Gov. Imperial	143
Itajaí em 1857	150
Longa Perigração - Hitoschi Nomura	153
Fundação de Lages	154
Um padre e um livro - J. Ferreira da Silva	155
Arte religiosa popular em S. Catarina - P. Raulino Reitz	157
Colaboradores em destaque - Fernando Muller	162
A grande familia Trinks-Parucker - Gustavo Konder	163
A Serra Geral	166
Notícias históricas de Rodeio - Benvindo Destéfani	170
Mâncio Costa	181
Criação da Capitania de S. Catarina	182
Um carioca no Vale do Itajaí - Embar	183
A primeira visita pastoral	185
Nem tudo foi suave - Gustavo Konder	186
Nome primitivo de Itajaí	189
Ainda J. Brueggemann e os seus quadros	190
A República em Itajaí - Édison d'Avila	194
Henrique Pedro Zimmermann	199
Uma interessante missiva - Ferdinando Ostermann	201
Um livro histórico - Celso Liberato	203
Colônias menonitas no sul do Brasil - Gustavo Konder	206
Aventuras de um moço alemão no Brasil - Kurth Matthes	211
Vila de Laguna	213
Contribuição de Blumenauenses para a construção da rodovia São João - Barracão - Otto Laczynski	214
Nossos velhos artazãos - Ayres Gevaerd	220
Separação de S. Catarina de São Paulo	222
Tipos inesquecíveis - Gustavo Konder	224
Cucundêlvê-Uân - Eduardo Hoerhan (Catanghara)	227
Ouro no Vale do Itajaí Mirim - Ayres Gevaerd	237

CREMER S.A.

Produtos Têxteis e Cirúrgicos

BLUMENAU - Rua Iguçu, 291/362 - Santa Catarina
Caixa Postal, 953 - Fone 22-1066



Gazes e Ataduras Medicinais

Ataduras Gessadas

Algodão Hidrófilo

Fraldas para bebês

Faixas Higiênicas para senhoras

Artigos de Primeira Qualidade.

Electro Aço Altona S.A.

Rua Eng^o. Paul Werner, 925 - Fones: 22-0422 e 22-0738

Caixa Postal, 30 — Telegrs.: "ELAÇO"

BLUMENAU

Fundição Elétrica De Aços Comuns E Especiais Para:

Indústrias Automobilísticas

Fábricas de Cimento

Companhias de Dragagem

Fábricas de Máquinas

Equipamentos de Britagem

de Terraplenagem

Reposição e de Manutenção

Batalhões Rodo-Ferrovíarios

Fábrica de Tratores

DESDE 1933

A PROCEDÊNCIA GARANTE A QUALIDADE